



Mensagem à Família Scalabriniana

PROCURAR, ESCUTAR E DIZER A VERDADE

Caríssimos/as,

Como direções gerais dos três Institutos da Família Scalabriniana nos encontramos, estes dias, para fortalecer nossa fraternidade. Chamados/as pelo Espírito para seguir Jesus mais de perto na consagração a Deus e no serviço dos migrantes, graças à inspiração do bem-aventurado J. B. Scalabrini, tivemos a ocasião de refletir sobre como ser fiel, hoje, a essa chamada.

Estamos vivendo um tempo em que velhos e novos conflitos provocam o deslocamento de milhares de pessoas de suas casas e de suas terras obrigando-as buscar segurança em outro lugar; um tempo no qual a procura desesperada do próprio bem-estar acentua a desigualdade entre as pessoas e os povos e constrange muitos a procurar uma oportunidade, em outro lugar, onde o acesso a estas oportunidades, muitas vezes, é negado; um tempo no qual, para ter esperança, é necessário comprá-la de maneira ilegal e se termina comprando a probabilidade de fracasso ou de morte; um tempo no qual domina a retórica contra os migrantes, fácil instrumento para obter consenso dando em troca soluções incertas e a curto prazo. Não são frases abstratas. Pensamos nas inúmeras fronteiras onde se consomem, hoje em dia, tantas tragédias.

Pareceu-nos insuficiente recusar essa retórica como distorção grosseira da realidade ou como simples incitamento à conservação. Os muitos que se alinham à essa onda vivem, provavelmente, as próprias inseguranças e são erroneamente guiados a sentir-se mais seguros tomando partido contra os migrantes, apresentados como ameaça à segurança. Mas não é pondo irmão contra irmão que se cria maior segurança, é somente criando maior fraternidade.

Isso nos levou a rever a nossa retórica e a perguntar-nos: por que aquela é assim convincente? A nossa retórica é feita das palavras de Jesus: “Era estrangeiro e vós me acolhestes”; das palavras de Jesus: “Qual desses três lhe parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões?”; do mandamento de Jesus: “Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado”. A nossa retórica é feita dos ensinamentos do bem-aventurado Scalabrini: “A emigração, em quase sua totalidade, não é um prazer, mas uma necessidade inevitável”; “Quanto é boa a emigração espontânea, tanto é danosa aquela forçada”; “Evangelizar os filhos da pobreza e do trabalho”; “Enquanto o mundo se agita... vai amadurecendo uma obra muito maior”. E usamos a retórica do Papa Francisco: “Mais pontes e menos muros”; “Os que constroem muros terminam encarcerados”. Não aos fechamentos, sim à solidariedade”. Uma retórica que também lembra aos migrantes suas responsabilidades: “Respeitem a cultura e as leis do país que vos acolhe”.

Por que, então, não somos convincentes? No entanto, nós traduzimos a retórica em elaboração teórica, temos falado de acolhida e hospitalidade, de dignidade e de direitos humanos, de convivência e integração. Tentamos convencer que os migrantes não são um peso, mas uma solução; que não podem ser tratados só como objeto de assistência, mas considerados protagonistas

na sociedade; que não são só eles que se devem integrar, mas também nós devemos integrar-nos com eles; que devemos favorecer o diálogo intercultural e apreciar tudo quanto eles podem nos ensinar. Trata-se de conceitos corretos. Mas, e agora, por que não somos persuasivos?

Não se trata de melhorar as nossas técnicas de discurso. Sem dúvida, muitas coisas mudaram no mundo da comunicação, onde é mais difícil fazer ouvir a própria voz, é mais difícil encontrar a verdade, é mais difícil ouvir quem não tem voz. Temos o dever de melhorar a nossa capacidade comunicativa, mas mais ainda temos o dever de procurar, escutar e dizer a verdade. Parece-nos importante, portanto, sugerir três orientações com as quais poderemos trabalhar melhor em nossa Família Scalabriniana.

a. Falar com os fatos e o testemunho. Na clássica retórica aristotélica, o primeiro componente é constituído pela pesquisa sobre elementos factuais que possam sustentar o discurso. Existe muita repetição na fala sobre emigração. Repetição em estigmatizar o migrante como ameaça ao bem-estar nacional, à segurança dos cidadãos, ao patrimônio cultural de uma sociedade. Repetição de quem defende os migrantes com princípios abstratos, ignorando as reais causas dos conflitos da vida quotidiana, desculpando comportamentos que não são desculpáveis. Falta a capacidade de conectar todos os aspectos que incluem a violência e opressão das quais fugir para ir, frequentemente, contra a outra violência e opressão num contexto no qual todos ganham às custas dos migrantes, de certo modo, também nós, sem restituir-lhes aquilo pelo qual pagaram. A nossa argumentação deve consistir de fatos. Devemos construir sempre mais uma retórica de obras, de serviço concreto, de oferecer possibilidades, estabilidade, futuro. Os migrantes não partem para estar sempre em movimento, sempre deslocados. Partem em busca de segurança. Lá onde estamos, procurando trabalhar para que se criem condições a fim de que todos se sintam em casa, criando comunhão nos contextos onde encontramos os migrantes e onde oferecemos proteção e promoção. Mas a nossa argumentação deve também consistir do modo no qual estamos com os migrantes, de pessoa consagrada que se deixam encontrar por Deus que se fez carne e testemunham seu amor através de uma presença missionária sem reservas e até o fim.

b. A fala dos migrantes. O conflito de retóricas que domina o discurso sobre migração é substancialmente privo da voz dos migrantes. É um elemento que falta na disposição aristotélica dos argumentos. Falam os políticos que decidem, que têm tornado a migração o problema do século; falam os administradores, que se sentem incapazes de gerenciar poucas pessoas vindas de fora; falam as organizações não governamentais, que têm encontrado, nos migrantes a salvar, uma nova razão de empenho; falam os sociólogos e os economistas, em conflito no explicar e mais ainda, no sugerir soluções. Falam os bispos, ministros do Evangelho, mas em desacordo sobre como aplicá-lo aos migrantes. Falamos também nós, oxalá com paixão, mas às vezes, com pouca profundidade e coerência, às vezes com vozes dissonantes. Calam aqueles que vivem às custas da migração: os traficantes e os empreendedores. Calam sobretudo os migrantes, porque ninguém quer ouvir sua voz. É nosso dever criar ocasião para que os migrantes falem e para que alguém os escute, porque nós podemos escutar.

c. Narrado a Deus. Finalmente, quando o conflito de retóricas está pegando fogo, quando a cacofonia aumentou, quando todos falam e ninguém escuta, a nossa voz, mesmo débil, será ouvida

se tiver o timbre da voz de Deus. Para obter esse timbre devemos levar a narrativa diante de Deus, lá onde as diferenças desaparecem, onde os muros se tornam porosos, onde as fronteiras se dissipam, onde ninguém é excluído. É possível que exatamente diante de Deus nós nos sintamos mais longe uns dos outros, que nos dividamos exatamente em nome de Deus, que justamente diante de Deus os migrantes não nos acompanham, mas devemos criar ocasiões para contar juntos as nossas histórias, que se entrelaçam para se tornarem histórias de salvação. É este o nosso modo de ser eloquentes.

No conflito de retóricas existe vencedores imediatos e, com frequência, não somos nós. Todavia, não devemos buscar vencer porque temos uma eloquência melhor, mas porque servimos a verdade, a verdade de quem procura, talvez de modo confuso, mais vida, “vida em abundância”. Não temos medo de contar esta verdade com o testemunho, com os fatos, com força inclusive àqueles que fecharam seus corações. Não temos medo de contar para Deus. “Ele se inclinou sobre mim, escutou o meu grito”.

Casa Alpina Scalabrini, Villabassa, 1 de setembro de 2019

Leonir Chiarello, cs, Neusa de Fatima Mariano, mscs, Regina Widmann, mss